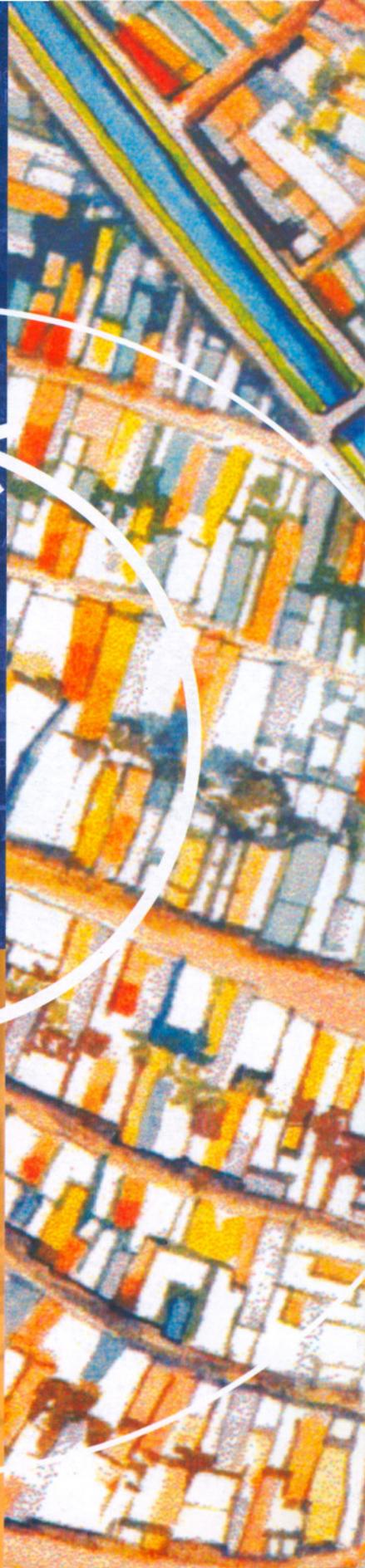


Associação Municipal dos
Carvoeiros de Rondon do Pará

Nova Cartografia Social da Amazônia

Carvoeiros de Rondon do Pará 22



Associação dos Carvoeiros de Rondon do Pará

Presidente: Rafael dos Santos Aguiar

Secretario: Ronaldo Souza Santos

Secretario de Segurança e Saúde: Valfredo Santos Rabelo

Data de fundação: 07 de janeiro 2007

Julio Caldas de Sousa
(Maranhense, município de Chapadinha, 22 anos)
Elizan Pereira da Silva
(Maranhense, Imperatriz, 22 anos)
Antonio Francisco da Silva
(Maranhense,
Pedras de Água Branca, 21 anos)
Francisco de Assis Pinto da Silva
(Maranhense,
Esperantinópolis, 22 anos)
Adailton Pinto da Silva
(Maranhense,
Esperantinópolis, 28 anos)
Osmindo dos Santos
(Maranhense, Codó, 42 anos)
Domingos Batista Feitosa
(Maranhense, 47 anos)
Adail Maximo de Sousa
(Maranhense,
Chapadinha, 29 anos)
Francinildo Pereira
Antonio de Souza Filho
(Maranhense, Vitorino Freire)
Felipe Mendes de Oliveira

Laubine (6 anos)
Isaias Porfirio da Silva
(Maranhense, Imperatriz)
Eliana Mendes de Oliveira
(Paraense, Rondon do Para
Raimundo Rodrigues da Silva
Francisco Pereira da Silva Bento
(Maranhense, Amarantes)
Francimar Lopes da Silva
(Paraense, Dom Eliseu)
Josivan Lopes da Silva
(Paraense, Dom Eliseu)
Maria das Dores Lopes da Silva
(Paraense, Dom Eliseu)
Ricardo Santos
(Maranhense, Bacabal)
Adonias Domingues de Souza
(Cearense, Acarau)
Antonio Correa da Silva
(Maranhense Androbal dos Grandes)
Ronaldo Souza Santos
(Sindicato dos Trabalhadores
da Indústria do Carvão)
Osvaldo de Jesus da Silva (Piau)



Participantes na Oficina Carvoeiros de Rondon do Pará, reunidos no Centro Profissionalizante Eivaldo Martins de Oliveira, na cidade de Rondon do Pará, no dia 15 de setembro de 2007.

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

Fascículo 22

Carvoeiros de Rondon do Pará

Belém, setembro de 2007

ISBN: 978-85-7401-398-5

Projeto Editorial

Alfredo Wagner
Berno de Almeida
(PPGSCA/UFAM e
FAPEAM/CNPQ)

Equipe de Pesquisa e de Apoio

Rosa Elizabeth Acevedo Marin
(UNAMAZ-NAEA/UFPA)
Mayka Danielle Brito Amaral
(PPLS-NAEA-UFPA)
Maria Jane Brito Amaral
(Secretaria da Escola Pe. José Fontanella)
Valdivio Rodrigues Amaral
(Trabalhador da Serraria Anápolis)
Rose Marie Brito Moreira Matos
(Secretaria da Escola Lucilo Oliveira Rabelo)

Cartografia e Mapa

Mayka Danielle Brito Amaral
Luís Augusto Pereira Lima

Fotos

Aroldo Chellei Brito amaral
Mayka Danielle Brito Amaral
Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Projeto Gráfico

José Fernandes F. Neto

Em dezembro de 2005, em reunião do Conselho da Cidade e lideranças dos movimentos sociais em Belém, foi apresentado o projeto "Nova Cartografia Social da Amazônia" e o resultado dos trabalhos de pesquisa com quebradeiras de coco babaçu e quilombolas. Das situações sociais identificadas resultou a mobilização dos presentes na reunião para o desenvolvimento do Projeto com grupos que vivem nas cidades. A partir desta reunião teve origem a Série "Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia". Esta série inicia com os indígenas, homossexuais, afro-religiosos e negras e negros de Belém, e tem continuidade com outros grupos em Belém e outras cidades da Amazônia como Manaus (AM), Macapá (AP), Marabá (PA), Salinópolis (PA) e Santarém (PA).



O que é a vida de trabalho dos carvoeiros?

Os trabalhadores nas carvoeiras que participaram da oficina realizada pela Associação Municipal dos Carvoeiros de Rondon do Pará e o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia falaram sobre as condições de vida, experiências profissionais, situações de trabalho, demandas e sobre os direitos trabalhistas não garantidos pelos responsáveis por esses empreendimentos. Na oficina participaram trabalhadores que realizam diversas atividades na fabricação do forno (melador, barrelador), na produção do carvão (aplanador de madeira, enchedor, barrelador ou melador, tirador, carregador, carbonizador, limpador de praça). Os Carvoeiros de Rondon do Pará por meio dessas falas, desenhos, escritos, gestos manifestam sua revolta, demandam atenção de órgãos trabalhistas. A participação de carvoeiros a Oficina aqui relatada foi impedida pelo receio de ter “desconto no salário”, de ser “marcado” pelo dono da carvoeira. Um deles comentou: “Eu tenho que assisti a essa reunião. Eu dei uma palavra e vou”.

“A gente não ganha nada com o trabalho da carvoeira, só o que pode ganhar é uma doença perigosa, que o cabra não tem jeito pra escapar. Só quem ganha é só o dono da carvoeira mesmo, e o cara fica sofrendo direto na carvoeira”.

“Além de prejudicar a vida da gente, ainda mata, prejudica a mata, pra poder fazer carvão”.

“Você tá vendo como é que fica, será? Aqui não tem mais nada é só os ossos ô!. Se depender do patrão a gente fica até desmaiar. A gente até solicitou o Ministério de Trabalho pra poder ver, né não?”

Por que trabalham nas carvoeiras?

“Eu trabalho na carvoeira, porque é o único serviço que apareceu, ai eu comecei trabalhar. Conhecia um carbonizador, ai eu comecei trabalha lá”. (A. S)

“Eu tenho uns 15 anos. Eu já trabalhei em 12 carvoeiras, esse tempo que eu trabalhei, em 12 carvoeiras eu já trabalhei. Só numa carvoeira eu trabalhei cinco anos, lá em São Domingo do Araguaia, mas só que ela parou sabe, ai de lá pra cá eu trabalho uns tempos numa outro tempo noutra. Esses donos de carvoeiras não pagam nada pra gente não, de vez em quando pagam uma mixaria, dão um agradozinho, ai não pagam tempo não, dão agrado pra gente. Eu mesmo nunca recebi tempo de serviço não, às vezes eu entro em acordo, como lá na COSIPAR mesmo eu trabalhei esses tempo lá, eles entraram em acordo, me deram três mil e pouco de duas vezes, mas foi em acordo, por que se fosse me pagar os direitos certo, tinha dado uns 10 mil reais do meus direitos certo. Não vou dizer que eles me pagaram direito, foi no acordo mesmo né. Lá é o seguinte, nesse tempo é melhor entrar em acordo do que colocar eles em justiça, porque se colocar na justiça não recebe é nada... Tem um amigo meu que colocaram na justiça e não receberam foi nada, mas no acordo eles dão uns mil reais, dois mil,

três mil, a isso ai é melhor, eu achei que eu me sair melhor. Se a gente colocasse na justiça, a gente ainda ia ficar sujo no lugar pra arranjar outro serviço, ficava sujo, eles sujavam a gente". (A. S.)

"Estou com três anos na área de Rondon trabalhando com carvoeira, mas antes, eu vim do Maranhão e lá eu trabalhava de pedreiro, eu era vigilante, ai cheguei aqui em Rondon achei uma forma melhor como carvoeiro e entrei no ramo de carvoeiro". (O. N. S.)

"As vezes é por que..., o serviço que tá tendo hoje em dia mais fácil é carvoeira né. Ai bate a aflição, tem que encarar, a gente acostuma. (A.)

Ai eu trabalho na carvoeira porque não tem outro serviço pra eu trabalhar, ai pra ficar malandrando, sem fazer nadinha é melhor ir pra lá". (R.)

"Trabalho com o carvão assim, porquê...só enquanto não arranjo um serviço melhor". (J.)

"O que significa é a necessidade, se você caiu naquele momento e a necessidade obrigou, então você tem que cair naquele tipo de trabalho". (A.)

"A gente não tem aquela previsão, aquela segurança. Dá um acidente e ninguém pode ser acudido. Já aconteceu comigo. A gente não tem aquela segurança. A carteira está assinada para permanecer. A carteira é assinada mas não recebe. É assinada por R\$ 380,00, mas se não tiver trabalho. Carteira de trabalho e o ganho é por produção. Não ganha salário mas produção e ainda atrasa o salário. Na produção é bom. Se alguém faltar, a gente vai ter desconto. Ele não está doente? Ele foi a reunião? Colocam falta. Se eu não tiver doente e o serviço não estiver preparado ele desconta" (A.)

Jornada de trabalho

Fazedor de forno

P: Então tem alguém que sabe fazer o forno?

T: É complicado fazer.

P: Por quê?

T: Porque é complicado o que os caras fazem l, agora ajudar eu sei ajudar a fazer. á

P: Por quê é complicado fazer um forno?

T: É porque o bicho fecha, os caras....é só barro, ai têm as baianas, tem as chaminé, tem o tatu, tem muita coisa.

Barrelador

P: O que faz o barrelador?

T: Ele passa o barro no forno pra esfriar, só depois que tira o carvão. Passa o barro, umas duas, três vezes até esfriar.

Motoqueiro

P: E o motoqueiro?

T: O motoqueiro é o principal. Tem um ali.

P: O que o senhor faz?

T: Eu corto a madeira.

P: Onde o senhor corta?

T: Eu corto as vezes na porta do forno. O sarrafo é na porta do forno.

P: E quem trás?

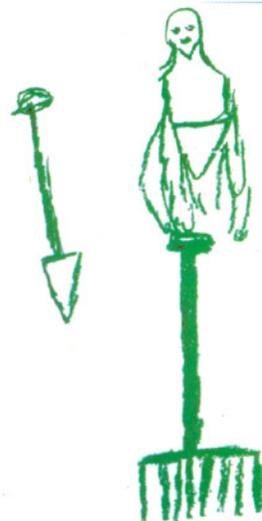
T: É a caçamba direto.

P: Essa madeira vem da serraria ou da mata?

T: Da serraria.

P: Qual é a diferença entre a tora e o sarrafo?

T: Ah a diferença é... por que o sarrafo, ele é... até pra cortar é mais difícil, ele é... a madeira é mais fina, a tora, a tora você vai só impinando. Então, aquele espaço de uma tora, uma tora, por exemplo, dessa grossura, já tem aquela, aquele espaço, aquela diferença daquele sarrafo, porque não ver que você só vai colocar só uma pecinha, uma ripinha, ai você coloca uma tora assim, lá, tomou mais espaço. O que acontece, a diferença é essa.



Enchedor

P: Então depois do motoqueiro quem e que aparece?

T: O enchedor.

P: O senhor A. F. é o enchedor? O que o senhor faz depois que ele corta a madeira?

T: Enche com as pontas de paus. Pega as travessas, tudo arrumadinho, ajeitadinho. Eu vou empilhando a madeira dentro do forno numa parede.

P: O que o senhor faz na carvoeira?

T: A minha carteira é assinada como enchedor.

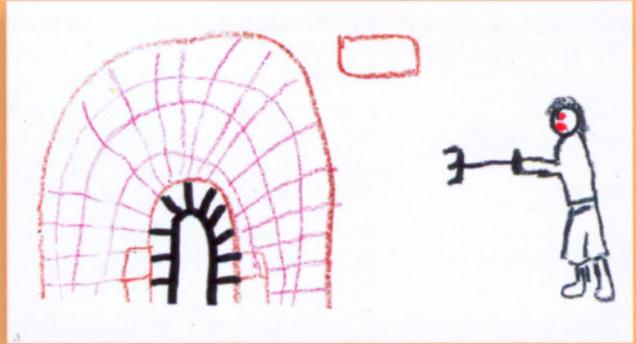
P: É assinada, mas o senhor enche?

T: Ah... aqui acular eu encho, mas a maior parte é tirando e barrelando.

P: Qual é o segredo pra saber quando o carvão está pronto?

T: Ah... a gente sabe quando ele está frio né, acontece que as vezes ele está frio, mas a gente abre ele tem fogo, incendeia, mas as vezes ele ta até meio quente, quando a gente abri não tem fogo. Ai tem um problema também.

P: As baianas, aqueles buraquinhos que o colega falou tem alguma coisa a ver com isso ou não?



Tirador

P: O senhor tira o carvão?

T: É, eu tiro o carvão.

P: O senhor pode falar como o senhor Antônio sobre o esforço de tirar o carvão do forno.

T: É eu só vou repetir o que ele falou. A norma da gente tirar o carvão do forno é chegar depois da barrela botar a mão no forno, se ele tiver frio e agente pode abrir pra tirar o carvão. Se chegar o forno tiver quente agente não abri ele, deixa quietinho, a gente não abri ele porque tem fogo nele uai, ai.

P: Quando o carvão ta muito quente, como o senhor faz pré tirá-lo?

T: Tem os dias pra esperar, depois da barrela tem três dias pra tirar o carvão. É o suficiente pra esfriar.

P: Alguém poderia explicar por que o trabalhador quando está tirando o carvão do forno precisa pular dentro de uma caixa de água?

T: (risos) Não, mais ai a pessoa faz isso, mas isso não é correto. A gente pra retirar o carvão do forno, a gente tem que tá com numa bermuda ou uma camiseta, o capacete na cabeça pra não pegar a barruada na porta do forno e daí por diante, mas não é necessário você ta suado tirando o forno e pular dentro da água, não é necessário. Tá procurando risco de vida ou a morte depois.

P: Depois de barrelar quem vem?

T: Ai vem o tirador.

P: Quando o forno está quente o que o senhor faz?

T: Quando tá quente, a gente chega na porta dele, tem a temperaturazinha pra ver se dar de tirar ou se não dar, se der de tirar, agente entra, agora se ver que não dar agente pára, né. Mas tem deles que engana agente, porque tem alguns buraquinhos por outro lugar e o fogo fica dentro ai..., fogo do carvão é muito veloz, o cara tem que fechar ele de novo pra deixar pro outro dia.

P: Como o senhor faz isso? Usa algum material de proteção?

T: Rapaz....eles só dão as botas, se não tiver é o chinelo, ai tem que fazer que nem o cara, entrar na piscina pra poder esfriar.

P: Na carvoeira que o senhor trabalha tem a caixa?

T: Tem, a caixa tem, agora não tem é a proteção pra botar na venta, acumula a tora de catarro deste tamanho com amônia e com tudo, ai é o diabo, tem que agüentar, por que não tem jeito né.



Carvoeiras do Município



Legenda

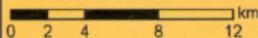
- Limite Rondon do Pará
- Fornos (Carvoeiras)
- Transporte do carvão vegetal
- Acidentes
- Trajetos das Carvoeiras
- Plantação de Eucaliptos
- Guseiras
- Vegetação
- Agricultura
- Área desmatada
- Antiga estrada do Arroz
- E.F. Carajás - Itaqui
- Linhão de energia
- Convenções cartográficas
- Sedes municipais
- Limites municipais
- Limites estaduais
- BRs
- PA 140
- Hidrografia

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

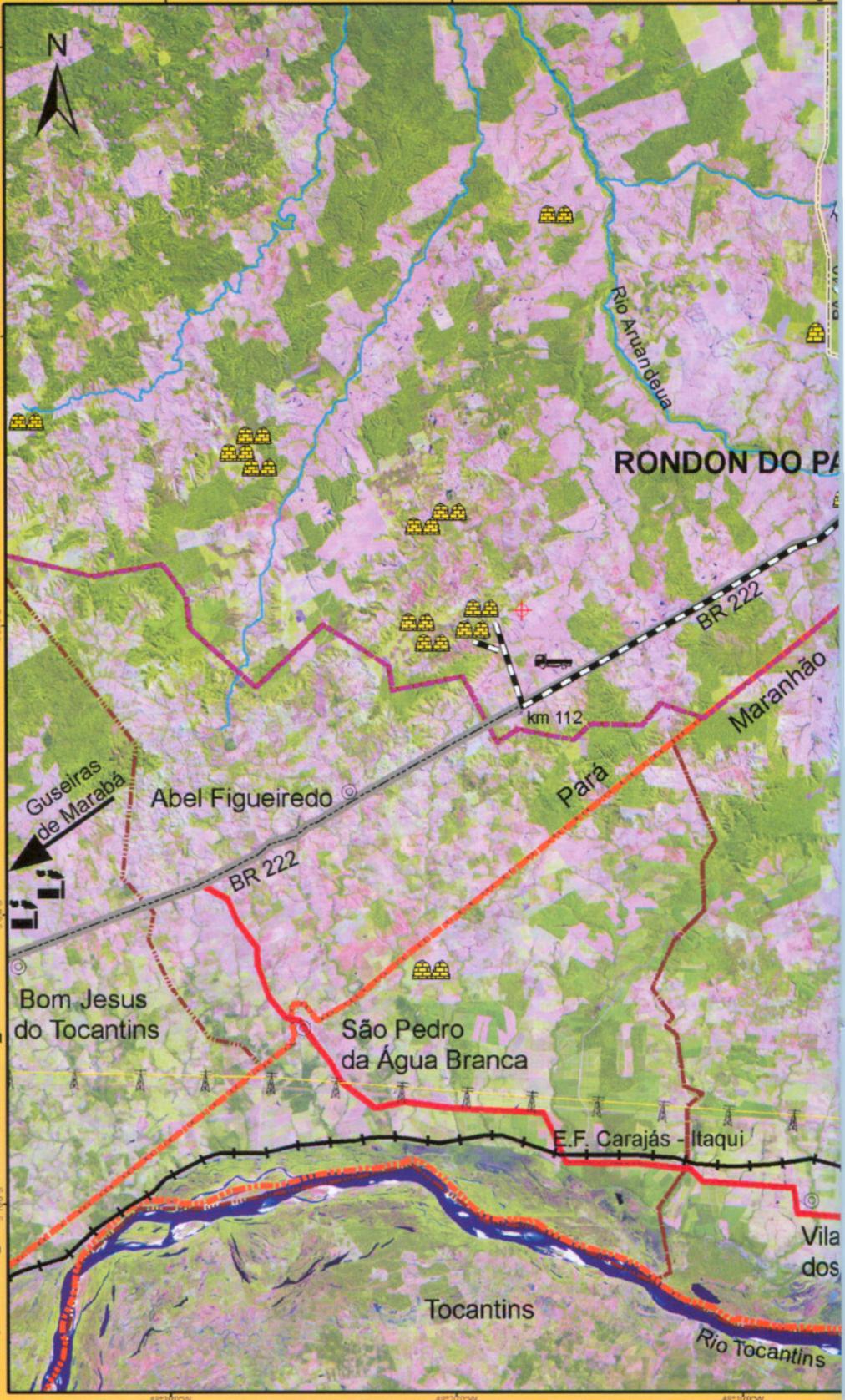
Mapa Situacional
Agosto 2008

Fone:
IBGE 2004, IBAMA,
Imagens Landsat5-TM-2008
DGI-INPE.BR

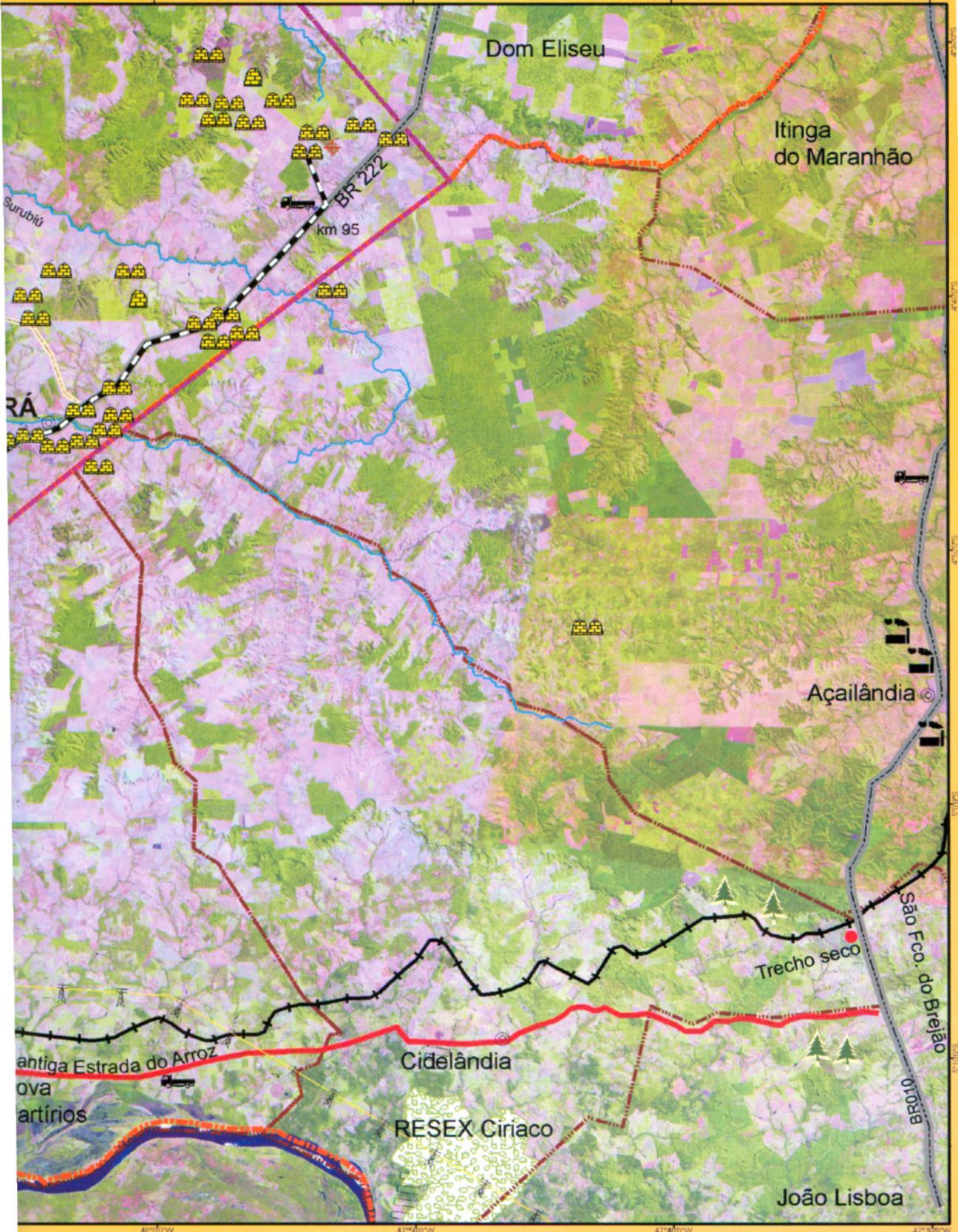
SCG-SAD69 1:400.000



Cartografia:
Luís Augusto Pereira Lima - PNCSA
Mayka Danielle Brito Amaral-NEA
UFPA/UNAMAZ



io de Rondon do Pará



Carbonizador

P: O senhor poderia dizer pra nós como o carbonizador trabalha?

T: O carbonizador é o seguinte, o cabra coloca fogo no forno, ai a fumaça tem que sair pelas baianas. Quando as baianas, primeiras, começam a sair fumaça azul, o cabra escora ela. Entendeu? Ai fica saindo fumaça nas baianas de baixo das baiais, ai quando ta saindo fumaça azul nas de baixo, ai escora também, ai bate barro tudim ai fica fazendo fogo e fumaça e chaminé, ai quando pára de de fazer fumaça, ai o cara veda ele.

P: O que significar escorar o forno?

T: Escorar significa colocar tijolo naqueles buraquinhos.

P: Depois disso, o que se faz?

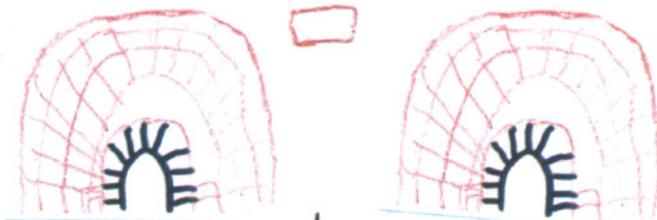
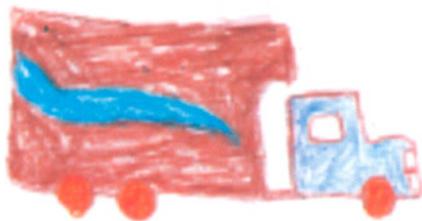
T: Ai quando ele pára de fumaça todo, ai o cabra veda, ai o cara ta com dois dias com ele vedado, ai barreia.

Carregador

T: O rapaz tava enchendo a gaiola, a gaiola tava pelo meio de carvão, ele desceu da escada, deu ataque cardíaco e morreu na hora. É muito perigoso, tem hora que ele ta carregando eu não gosto nem de ver ele carregar, porque é muito alto, vejo a hora dele cair, escapulir os pés suados de cima da gaiola. E ali, as vezes quando termina de carregar, os homens da gaiola chega meio dia no sol quente, ai ele nem almoça, as vezes quando ta almoçando, deixa o prato e vai carregar, ai quando termina já é quase seis horas, falta não dormir de noite, é com os pés no ventilador direto e aquele pó, escarrando carvão purinho.



Limpador de praça



Cozinheira

Sra.: Maria das Dores.

P: Conta um pouquinho do trabalho da senhora?

Sra. só cozinhar mesmo pros trabalhadores.

P: A senhora cozinha pra todos os trabalhadores?

Sra.: Não, não. Só pros que tá lá de casa mesmo.

P: E a alimentação da senhora é vocês que compram?

Sra. É nós que compram.

Comentário na sala: O marido dela morreu de acidente, ai ficou ela tomando de conta lá.

P: Tem quanto tempo que ele morreu?

Sra. Tem...vai interar um mês depois de amanhã.

P: A senhora que está administrando?

Sra: É... por enquanto, mas eu não quero ficar lá não, eu quero sai de lá.

Condições de alimentação

P: O que vocês costumam comer nas refeições?

T: Nas refeições, é... praticamente galinha, galinha, feijão e arroz.

T: A nossa alimentação que nós queremos que melhore é que quando não é um milho michido dentro de uma água fervida, é uma farofa de ovo, ali não é uma farofa, é uma farinha passada dentro do ovo sem gordura, que fica seco, que para descer agente tem que colocar uma aguazinha pra poder melhorar. E ai meio dia, que agente chama de almoço, não é almoço, agente pega aqui um arroz com feijão, um pedaço de galinha, galinha meia branca, que não tem colorau e ai agente vai lá pro meio do sol, come ali, toma uma água e desce pro serviço correndo, com aquela preocupação de ganhar mais, ganhar mais, e caba doecendo, não ganhando nada.

T: A alimentação é a mesma coisa todo dia.

P: Mas vocês tem as três refeições do dia?

T: É... é de manhã é o café, a merenda (risos), meio dia é o almoço, frango, de manhã é farinha e milho como ele disse mesmo.

P: E a noite?

Ts: eu não durmo lá, não janto não.

P: Vocês pagam a comida?

T.: Rapaz, é o seguinte, a gente faz o esforço pra ganhar R\$ 400 R\$500, pra sempre a gente atingir a média além do salário né. Ai depois a gente...quando vem o livrito né, ai a gente vai olhar o livrito né, ai já vem aquele desconto de lá, que nem o sindicato, nem o INSS, nem FGTS, a gente já sabe os valores que é depositado e os valores que as vezes é descontado e vem além desses valores descontados, então acredito que é a alimentação que eles estão descontando. E não vem esclarecendo mais nada, vem o desconto e não esclarece nada. Na verdade, quando vão fazer o pagamento pra gente lá, nem o dono aparece, é... sempre vai um empregadinho mandado lá, já vai tudo escrevido e não tem mais conversa, é só isso mesmo.





Trabalho e doenças

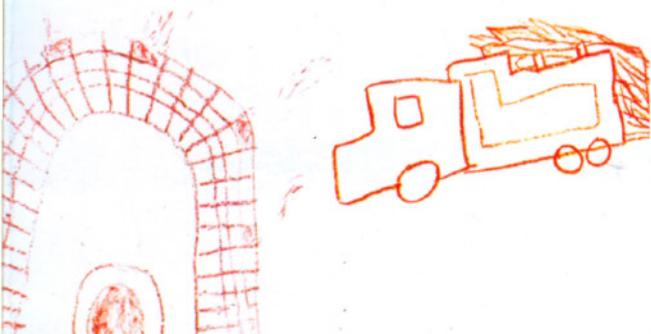
Ts: o rapaz tava enchendo a gaiola, a gaiola tava pelo meio de carvão, ele desceu da escada, deu ataque cardíaco e morreu na hora. É muito perigoso, tem hora que ele ta carregando eu não gosto nem de ver ele carregar, porque é muito alto, vejo a hora dele cair, escapular os pés suados de cima da gaiola. E ali, as vezes quando termina de carregar, os homens da gaiola chega meio dia no sol quente, ai ele nem almoça, as vezes quando ta almoçando, deixa o prato e vai carregar, ai quando termina já é quase seis horas, falta não dormir de noite, é com os pés no ventilador direto e aquele pó, escarrando carvão purinho.

T: Vou te falar toda a verdade. Eu trabalho é, bem verdade, bem verdade, que não permaneci esse tempo todinho diretamente, pra dizer assim, ele ta trabalhando direto aqui. Não que eu não sai, eu já sai, passei quinze dias, dez dias, volto novamente. Agora o seguinte, eu to mais de três anos trabalhando para esse homem aqui, mais de três anos aqui dentro de Rondon, e nunca uma porta dum hospital desses ai chegou a me ver, nunca eu fui em posto, nunca eu fui em nada, pra fazer consulta de nada. Pra dizer assim, hoje chegou o momento, pra mim só os exames mesmo pra fichar.

P: E quais são os exames pra fichar?

T: Ah o exame é é, agora. Agora, já já aumentou um pouco né, mas antigamente quando agente chegava lá, era chegar e ficar a frente la do doutor, o doutor só fazendo uma pergunta pra gente: "que que você sente?" Ai qual é o trabalhador que ta doido pra ficha né, ele vem do ramo, ele não tem nada, ai ele vai dizer que ta doente? Ele não vai. Ele vai dizer: "não, eu não sinto nada, eu to zerado". "É, você não sente dor nenhuma?" "Não, não senhor". Ele ta ali louco pra ver se ele assina logo pra ele sair. Ai o outro é o exame de sangue né, vai tirar o sangue, quando agente chega lá o exame ta pronto e é só pegar e ta pronto. Mas, hoje já tem mais a burocracia já aumentou mais um pouco, porque, inclusive ta indo gente pra lá que quando dar uma semana ou ou quatro ou cinco dias, lá apresenta um cliente doente, ai o homem ta reclamando, então vai com o doutor, ta aparecendo este tipo de coisa. Ai tem ir, porque eu acredito que pra fazer um trabalho como esse daí tinha que ser um exame melhor, né, mas esse negócio de dizer o que ta sentindo, quem é que vai dizer? Quem quer fichar.





*Eh, carvoeiro
Quando voltam, vêm mordendo um pão encarvoado
Encarapitados nas alimárias,
Apostando corrida,
Dançando, bamboleando nas cangalhas como
Espantalhos desamparados*

(“Meninos Carvoeiros”, Manoel Bandeira)

P. Qual é o seu nome?

T: (F. P. B). Rapaz a gente trabalha aqui por que... Então eu moro no Maranhão, mas tou aqui no Pará trabalhando, mas a refém de arrumar uma terra pra trabalhar. E eu queria ver se eu arrumava uma terra, mas o negócio ta enrolado e eu fui obrigado, sou obrigado a ir pro Maranhão de novo. To com 3 anos que eu to aqui, pelejando, pelejando pra ver se arranjo pelo menos uma terra pra trabalhar, agora ta difícil. Deixei minha casinha no Maranhão, deixei tudo pra poder ver se arrumava aqui, mas não deu certo, até agora... Se o negócio não mudar, sou obrigado a voltar pro Maranhão de novo.

P. Sua família mora no Maranhão?

T: Sim, mulher, filho, quatro filhos, ficou tudo lá. A carvoeira ta muito devagar, porque o dinheiro não dar nem pra gente comer, pagar pelo menos o açúcar pra gente comer, que agente já mora de aluguel. Que tem que pagar o aluguel e esse salarinho ta muito devagar.

P. Mas o senhor paga aluguel na carvoeira?

T: Ah... na carvoeira lá a gente paga vinte...vinte....vinte cinco contos todo mês, pela casa que você ta lá, só tem a água, que a água que eu to gastando lá, por causa de umas plantinhas que eu tenho lá, já tão pedindo até a água já.

P. O senhor paga esse aluguel pra quem?

T: É por que já vem descontado na folha, agente tem que pagar, porque não tem jeito. Tem que pagar, agente tem que sobreviver né, todo mês o debitozinho. É vinte... vinte e pouco, R\$ 29,70 por mês. E um forninho veio de R\$ 20 conto não tem condição, pra encher é R\$20 conto e pra tirar é R\$ 7,00 pra tirar, e passa três dias pra encher um la na carvoeira. As nossas custas ainda, comprar o que comer e lavar roupa e tudo enquanto, as vezes não junta nem 100 reais por mês. Se não tiver dor da gente vai a falência e não vai custar não.

Contato

Associação de Carvoeiros do Município de Rondon do Pará - ACRPA

e.mail sindicar@hotmail.com

Endereço: Rua Santo Antonio, N. 23-A. 1. piso, apartamento D. Bairro Centro - Rondon do Pará

Telefone: (94) 3326 1517.

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford - PPGSCA - UFAM)

Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

1. Indígenas na Cidade de Belém
2. Homossexuais na Cidade de Belém
3. Afro-religiosos na Cidade de Belém
4. Negras e Negros na Cidade de Belém
5. Catadores na Cidade de Belém
6. Pessoas com Deficiência na Cidade de Belém
7. Feirantes e Ribeirinhos dos Portos Públicos de Belém
8. Ribeirinhos das Ilhas de Belém
9. Moradores do Riacho Doce e Pantanal:
Histórias de luta e conquistas no Igarapé Tucunduba - Belém
10. A Luta pela regularização fundiária dos moradores da AGRISAL, Salinópolis.
11. "Fé e Esperança: Mulheres Guerreiras de Campo Sales", Manaus
12. "Histórias de Lutas e Conquistas dos Moradores do Bairro Jesus Me Deu", Manaus
13. "Famílias da Comunidade Parque Riachuelo I", Manaus
14. "Bairro Parque Riachuelo II: História, Conquistas e Reivindicações", Manaus
15. "Ontem um dono, hoje milhares:
A História Bairro Parque São Pedro", Manaus
16. "Comunidade Negra de São Benedito da Praça 14 de Janeiro", Manaus
17. Indígenas na Cidade de Manaus: Os Sateré-mawé no Bairro Redenção
18. Mulheres Indígenas e Artesãos do Alto Rio Negro em Manaus
19. Comunidade "Beco dos Pretos" Morro da Liberdade Manaus - AM
20. Indígenas na Cidade de Rio Preto da Eva - Comunidade Indígena Beija-flor, Rio Preto da Eva - Amazonas
21. Bairro do Cabelo Seco - Marabá
22. Cárvoeiros de Rondon do Pará
23. Indígenas nas cidades de Manaus, Manaquiri e Iranduba:
Processo de territorialização dos Sateré-Mawé

Realização

Associação de Carvoeiros do Município de Rondon do Pará.

Apoio



FORD FOUNDATION



UFAM
PPGSCA

UEA
PPGDA

